

PATRIOTA

apazes ! Toca a esconder debaixo da chaminé, ou não vão da escada ; nada de passeios ; nada de theatro, isso acaba-se, porque os

RJEAN D'ARMES (em bello portuguez cabos de segurança) qualquer destas noites andarão encapotados, d'alfange debaixo do braço, engrupados ás esquinas das ruas, perguntando a um e a outro *se tem algum documento que o isente de ser militar*. Já se sabe, isto entende-se só com os *radios* que vem ou vão dos seus trabalhos, ou em fim que passeiam, ou vão ao theatro. Estes pela sua posição são incommodados e conduzidos ao logar competente para sentarem praça, por que são *radios* que se occupam nos seus trabalhos. Os cidadãos que não tem emprego nem morada certa, e que só tem que perder um carapuço e uma jaqueta esfrangalhada, que são negociantes de lenços de seda *embainhados*, e caixas *com rapé*, etc., esses estão no pleno gozo dos seus direitos ; ninguém os incommoda, e passeiam em plena liberdade !

Ha quem assegure que estes homens são
agentes do conde caleche.

AGRADECIMIENTO.



A nossa gratidão será eterna, por nos lembrarmos que nos não tem sido pagos os nossos vencimentos, em consequencia de só haver ouro em Portugal, e recebendo-o nós perdíamos de certo 700 por cento de rebate; e assim ficavamos muito lesados.

Alguem mal informado tem espalhado que este atrazo é por que o dinheiro leva outros destinos, que não são o pagar tantas dividas sagradas; porém nós sabendo que não é esta a causa, mas sim a fartura do aborrecido e desprezível ouro, apoiamos

e votamos pela idéia, que é magnífica, e com muita satisfação e boa vontade ficaremos desejando do íntimo do nosso coração, que os pagamentos só nos sejam feitos quando não houver ouro, não só nas lojas dos gordos agiotas, como nos mostradores dos ourives.

Estamos pois resolvidos a esperar para esse tempo, o que nada nos custará, porque durante estes treze mezes que temos esperado nada nos tem faltado, nem ás nossas familias.

Lisboa 31 de Janeiro de 1851.
(Seguem-se oito mil e tantas assignaturas).

O REALEJO GUARDA-LOUÇA.



s leitores
do *Burles-*
co hão de
ter visto
muitas ve-
monstro,
eche, pu-
cinante de
mas talvez
la reparado
pelourinho
sta a nossa
Repare-se
e é exacta

a comparação.

Este realejo ambulante quanto mais se lhe dá á manivella, mais dinheiro produz em beneficio do seu possuidor. Assim é o nosso amigo Portugal — quanto mais o espremam mais vai largando em beneficio d'uns poucos de ladrões que ahi estão.

Este caleche corre por ahi todas as ruas de Lisboa; e o dono que o mostra ao publico, vai apanhando bem bons vintens, com as habilidades magicas que desenvolve de dentro do tal caleche.

Ouvimos dizer que este homem é discípulo d'um conde muito nosso conhecido. Seja ou não seja, o caso é que no primeiro pavimento ha dous bonecos que estão a dar cambalhotas successivas, sem nunca caírem. São os dous irmãos Antonio e José.

Depois vê-se uma divisão de infantaria e cavallaria, marchando e fazendo evoluções. Estes bonecos não recebem vintem, mas o cidadão que os vê paga; e todo o dinheiro entra na algibeira do homem do caleche.

Deve notar-se que se encontra tambem o Marcos a cavallo n'uma pipa, bebendo vinho e comendo uvas.

Vê-se outro boneco deitando tombas n'umas botas: dizem ser o pai do Cadas-trone. A um canto do mesmo realejo-caleche observa-se outra figura que apresenta uma carinha, com um focinho de

macaco, tão feia, que mette medo; parece-se com o Felix. Ha tambem um boneco sem cabeça, que se parece muito com o Recta-Pronuncia.

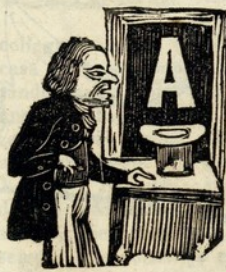
Diremos finalmente que este homem do caleche hade retirar-se, deixando saudades aos admiradores daquelle genero de entretenimento.



ais uma quinta
para o conde do
caleche ! mais
1:500\$ rs. que
deixam de entrar
no thesouro pela
falta de paga-
mento de direi-
tos de porcellana!
mais um mez em
atraso aos empre-

gados e mais classes! mais um louro na corôa civica do homem conde! Nós tambem queremos contribuir com o nosso contingente, presentando-o com seiscentos milhões de pares de diabos que o levem para o inferno.

Offerecemos-lhe este presente como prova da nossa amizade, dedicação, e gratidão eterna, que lhe votamos pelos obsequios que nos tem feito e fará.



bibliotheca publica vai para S. Bento. E' bem escolhido local, por que proximo áquelle sitio ha gente que precisa bem dedicar-se a lêr, para vêr se aprende a fallar. Já nos affiançaram que ha entre

os livros alguns que disseram que nunca tinham visto as ruas macadamisadas, o gaz, os passeios, os theatros, as obras do barão das luminarias; e que em se apanhando na rua fugiam, e iam divertir-se, por que conheciam alguns amigos que lhe tinham prometido casa, cama, mesa, roupa lavada, em quanto fossem vivos, só com a condição de estarem em sua companhia, e conversar com elles.

Contamos isto, para que se alguem, quando se fizer a mudança, encontrar algum livro disfarçado de paletó, é por que vai fugido, e então agarrem-o, mas apesar de todas as cautellas e vigilancias, sempre haverá algum que se esgueire. Deve porém notar-se que os mais velhos é que tem tenção de o fazer, por que os mais novos conversam com elles.

sabe-se com certeza que não estão tão infelizes, nem querem passear.



Dizem por ahí que o João Aliás anda bezuntão, esfrangalhado, tem as unhas delictas, compra fatô velho na feira da ladra, na barraca da trapeira do hospital, e botins velhos na Ribeira Nova etc.

E' verdade que é

muito economico, nunca ninguém o viu gastar dinheiro em extravagancias, não tem caleche, anda a pé, mas tem pintos; não diz mal do seu proximo, tendo tantos proximos como elle. E' muito temente a Deos, e Deos lhe dá limpeza no céu!

Acrescentam tambem que o Recta não tem cabeça, que matou a morte, que fez prodigios de valor na ponte de Coimbra, que fez os Annos da Menina, que foi recebido com applausos de infantaria etc.

O Recta é verdade que não tem cabeça, mas é para poupar chapéus, e para esse fim tra-la debaixo do braço, e falla sempre com o coração nas mãos por ser muito sensível. Matou a morte, fez muito bem, por isso já se não morre. Ninguém é ca-

paz de vêr um defunto; hoje somos eternos e devemos isso ao Recta. Fez prodigios de valor na ponte de Coimbra, fazendo fugir diante de si 3:000 francezes que estavam em França, e de um corte decepou as cabeças a 400 francezes mortos na acção! Fez os Annos da Menina, e foi recebido com muitas palmas, mas como foi d'inverno e os expectadores estavam todos de luvas, applaudiram com os pés (á ingleza). E' homem mui intelligente e sabio.

Responsavel = Manoel de Jesus Coelho

Typografia de Mancel de Jesus Coelho.—

Rua do Poço das Artas N.º 54.



Publicação de um pai da Pátria da maioria.